

As coisinhas dela ...

O assunto foi manchete agora nos primeiros dias de julho.

Não fui atrás de detalhes porque fiquei triste com o ocorrido, causado por um irresponsável, na vizinha cidade de Campinas.

Pelo que foi apurado, o fulano jogou uma bomba na rua, perto da equipe técnica de um cantor, apenas com a finalidade de “brincar”, e infelizmente, uma cachorrinha pensando que era brincadeira, abocanhou o artefato que explodiu em sua boca.

O estrago causado foi grande. A “Menina”, com a cadelinha é chamada, foi levada ao hospital veterinário, teve a mandíbula fraturada, sofreu queimaduras na língua e céu da boca, perdeu dois dentes e teve um tímpano estourado – provavelmente ficará surda.

Em decorrência dos ferimentos ela precisa de ajuda para se alimentar, e vai demorar um pouco até que volte a comer alimentos sólidos.

Até aí, são apenas informações do cotidiano; uma tragédia. Poderia ter acontecido com uma criança, mas o fato de ter sido com um animal indefeso não diminui a sua intensidade, afinal, estamos falando de vidas.

A “Menina” ao que pude apurar, ficava num ponto de táxi, e era o xodó dos taxistas, mas não deverá voltar para o local, uma vez que seu estado de saúde ainda requer cuidados, e ela permanecerá no hospital veterinário onde descansa e se recupera, muito assustada, como não poderia deixar de ser.

Algumas pessoas já se prontificaram a adotar o animalzinho, significando que ela não ficará mais “abandonada” – ganhará um novo lar.

A essas alturas, quando vi parte da reportagem pela televisão, eu, que não tenho animais em casa, mas adoro gatos, fiquei constrangido. O restante daquele dia foi triste para mim. Imagens de sofrimento.

Tristeza essa, que culminou com o final da matéria, quando a repórter se referiu à cachorrinha dizendo que ela ficaria internada, e para lá seriam levadas “suas coisinhas”.

Parei um pouco e divaguei:

- O que poderiam ser as “coisinhas” da cachorrinha? Duas tigelas? (uma para a ração e outra para água), talvez a caminha? (comprada feita ou improvisada), um cobertor ou algo assemelhado? E quando muito algum brinquedinho plástico? Mimo que os *pets* gostam, e a eles se habituam, tal qual crianças. Apenas isso.

Aquelas palavras soaram de uma forma simples e terminal. Toda a vida daquele ser, resumida em pequenos, todavia, significantes objetos. Objetinhos.

... Suas coisinhas. Também temos as nossas, e elas nos são caras, às vezes representam nossos brinquedinhos, e preenchem momentos de solidão (eles existem).

Que os da “Menina” sejam minimizados!

Incompreensíveis injustiças.